

Trauma precoce e tentativa de sobrevivência psíquica através de estados dissociados da mente¹

Augusta Gerchmann,² Porto Alegre

Resumo: Partindo de textos de Freud, Aulagnier e autores contemporâneos, o artigo enfatiza a importância da atitude empática do cuidador para o processo de humanização do sujeito psíquico e a constituição de seu Eu, através da identificação primária – primeiro laço emocional – e da identificação secundária. Argumenta-se que a característica singular do desenvolvimento da vida sexual do ser humano em dois tempos; por um lado, retarda seu amadurecimento e, por outro, prepara-o para estabelecer os vínculos necessários desde a matriz relacional no núcleo familiar. Nesse contexto, entende-se caber ao Eu a construção de sua história libidinal mediando entre as demais instâncias psíquicas – id e superego –, além da difícil tarefa de preservar os elos que o ligam à cultura. Quando a vivência do traumático excede a capacidade de dar representação psíquica às experiências, a prova de realidade faz desaparecer os laços sobre as origens e sobre o pertencimento, sobretudo quando o meio cultural em que está inserido o sujeito nutre a desigualdade entre os homens, sobressaindo o narcisismo das pequenas diferenças. Conclui-se que a dissociação da mente poderá tornar-se uma tentativa de sobrevivência, quando a cultura confere ao semelhante o atributo de não-eu no mundo, como consequência da falha no reconhecimento da alteridade e da subjetividade do sujeito.

Palavras-chave: representação psíquica, alteridade, dissociação da mente, não eu, meio cultural

- 1 Versão do texto apresentado em mesa-redonda sob título “Estados dissociados da mente. O não-eu e o mundo” no 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi correlato ao tema geral “Laços: o Eu e o mundo”.
- 2 Psicóloga, psicanalista, membro titular em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Se assim, por um lado, a figura do grande homem cresceu e assumiu estatura divina, devemos lembrar, por outro lado, que também o pai foi filho um dia.
(Freud, 1939/2018b, p. 153)

Desde “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud salienta que “o recém-nascido traz consigo germens de impulsos sexuais, que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sucumbem a uma progressiva supressão” (1905/2016, p. 78), devido ao próprio desenvolvimento da sexualidade do sujeito.

No exílio, o autor ocupa-se da constituição do ser humano, no extenso artigo “Moisés e o monoteísmo”, de modo a revisar todos os achados que trabalhou ao longo da sua obra. Reforça a ideia levantada em “O eu e o id” (1923/2011)³ de que “o adiamento e início em dois tempos” do desenvolvimento da vida sexual, com amadurecimento posterior aos cinco anos, está “intimamente ligado à história da hominização” (1939[1934-1938]/2019, p. 106).

Por um lado, essas duas ondas do desenvolvimento humano retardam o seu amadurecimento; por outro, preparam-no para estabelecer os vínculos necessários desde a matriz relacional no núcleo familiar. A família, por sua vez, já vive sua inserção no mundo da cultura ou se encontra em situação de excluído, pária (Freud, 1939/2018b, p. 106).

Freud desenvolve suas ideias acerca da história do homem, como sujeito psíquico, desde o “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1995), assim como em muitas de suas correspondências com Fliess, obstinado em construir um modelo de aparelho psíquico, descobrir seu funcionamento e suas patologias. Entretanto, é com a

3 Gênese do superego é o resultado de dois fatores biológicos importantes: o longo período do desamparo e dependência infantil e o fato de o complexo de Édipo ter seu desenvolvimento libidinal interrompido pela latência. A explicação psicanalítica repousa na herança da evolução para a cultura, imposta pela era glacial. A diferenciação entre o superego e o eu representam os traços mais significativos da evolução da espécie e sua investigação. Ao expressar a duradoura influência dos pais, perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem (Freud, 1923/2011a, pp. 43-44).

metapsicologia e, finalmente, com a segunda tópica, que o aparelho psíquico freudiano se configura da maneira que até hoje o concebemos.

Nesse modelo, o ser humano começa a se constituir muito cedo. Para Freud, o nascimento do sujeito põe em marcha cuidados específicos que atendam às necessidades prementes da alimentação e da respiração, uma vez que o desamparo inicial do ser humano é a causa de todos os motivos éticos, conforme entendo o primeiro grito (Freud, 1895/1995). Esses cuidados só terão êxito com a atitude empática do cuidador para com a descarga motora do bebê, mediante a qual comunica sua demanda.

Assim, atendendo a demanda do infans,⁴ por meio da ação específica, o auxiliador promove a primeira experiência de satisfação, transformando o que era da ordem do instinto em demanda pulsional e dá início ao processo de humanização pelo reconhecimento do semelhante. As vivências sucessivas deixam registros, despertando sensações no eu incipiente, trazendo as mais profundas consequências ao longo de sua trajetória de vida (Freud, 1895/1995).

Para Piera Aulagnier (1979/1975), o encontro inicial da mãe com o bebê promove um duplo encontro: do corpo do bebê com o corpo da mãe e do corpo do bebê com a mente da mãe, ou seja, com o inconsciente desta, carregado de sua própria história, seus traumas e conflitos, que se reatualizam frente àquele que pôs no mundo.

A ascensão como sujeito psíquico tem início no período do narcisismo originário, através da identificação primária, que compreende o primeiro laço emocional que o bebê desenvolve com seu cuidador, como Freud propõe em diversos artigos de 1914, 1917[1915]), 1921, 1949[1938]. Mais tarde, em função do complexo de Édipo, que deixa como herdeiro o superego, dá-se a identificação secundária, motivo de atribuições, sobretudo quando o ideal do eu, graduação dentro do superego, não se harmoniza com o eu. Os objetos que participam tanto da identificação primária quanto da identificação secundária tornam-se a matriz e representantes *do mundo e no mundo*.

4 Expressão usada pelos franceses para referirem-se ao bebê que ainda não fala.

Nesse sentido, Neusa Santos Souza, apoiada no referencial freudiano, defende, em seu estudo sobre “Tornar-se negro”, que o “contexto familiar é o lugar primeiro em que a ação constituinte do ideal do ego se desenrola” (1983, p. 68).

Freud esclarece, no *Compêndio de psicanálise* (1940[1938]/2018b), que o núcleo do ser é constituído pelo obscuro id, no qual operam as pulsões orgânicas resultantes de Eros e Tânatos (pulsão de destruição) e pela relação com os órgãos ou sistemas de órgãos. Entretanto, o id não lida diretamente com o mundo exterior, sendo o Eu o intermediário e responsável pelo contato direto com o mundo exterior, inicialmente através dos órgãos dos sentidos – aparelho perceptual –, com a tarefa de autopreservação, desconsiderada pelo id.

A modo de conclusão, Freud diz que, apesar das diferenças fundamentais entre id e superego, ambas as instâncias psíquicas representam influências do passado: o id relaciona-se ao que é herdado, e o superego, às vivências transmitidas pelos outros significativos. Encontra nas origens históricas da espécie os traumas decorrentes de vivências precoces, seja via id, seja via superego (1940[1938]/2018a, p. 194).

Essas origens são traduzidas por autores contemporâneos, buscando compreender a transmissão da vida psíquica entre gerações. Nesse sentido, Gampel refere que, “sob formulações inconscientes, o relato familiar se infiltra na vivência cotidiana e condiciona a criança da geração seguinte” (2006, p. 56).⁵

A função do Eu, como nos aponta Aulagnier, é de um construtor e, por vezes, inventor contumaz de uma história libidinal que busca as causas de experiências da árdua realidade com a qual lhe é exigido coexistir, tornando-as admissíveis e toleráveis através do processo de metabolização do que lhe é externo, desconhecido e heterogêneo, para torná-lo próprio.

Assim, frente a todo esse imbróglia psíquico, será somente com o reconhecimento da alteridade e o processo de subjetivação desse Eu que o sujeito se tornará capaz de ver-se e de viver no mundo.

5 Tradução livre da autora.

A conjectura de que a neurose é uma tentativa de reconciliar as partes do Eu dissociadas de outra parte do Eu relaciona-se com os laços que esse Eu pode criar desde sua identidade originária e convivência íntima, além das ameaças internas, para fazer frente às ameaças externas sem enfraquecer-se.

No caso de falha no encontro, o sujeito apresentará espaços vazios no período de o eu advir, que corresponde ao processo secundário para Aulagnier. Quando o Eu advém, ainda que claudicante, alcança um mínimo de prazer no encontro com a realidade do mundo, mantendo os elos que o ligam ao meio social, à cultura.

Entretanto, quando o trauma excede a capacidade de dar representação psíquica, a vivência não pode ser simbolizada, abrindo caminho para a repetição de uma história sem palavras. Se a prova de realidade faz desaparecer os laços com o já vivido, a nova chance de percorrer uma história permanece incompreensível e heterogênea ao eu, por meio de sua dissociação.

Trata-se de situações em que falharam os referentes identificatórios imprescindíveis para sua integração, que falam sobre as origens e sobre o pertencimento. Ao não ser identificado como sujeito de si, permanece alienado do próprio desejo, impedido de constituir-se como um Eu sujeito, sendo o não-eu porta-voz do “assujeitamento” ao outro, ao mundo.

As variadas formas de discriminação que não visam ao reconhecimento das diferenças, mas a sua anulação, são marcadas por Neusa Santos Souza como decorrência de falha primária e ambiental (mundo), tendo a melancolia como uma de suas consequências. Em suas palavras: “Aqui, o sentimento de perda da autoestima é o dado constante que nos permite unificar numa mesma categoria – melancolia – as diferentes feições dessa condição psicopatológica que denuncia a falência do ego” (1983, p. 73).

Sendo assim, a dissociação da mente é uma tentativa de sobrevivência, e o que presenciamos deriva do retorno do cindido, vivência de mutilação do Eu. Retomando Freud, o masoquismo erógeno ou primário torna-se guardião da vida, e não somente da vida psíquica,

ou masoquismo mortífero, quando sofreu o desencontro com o objeto originário (1924/2011).

Nessa trilha, em se tratando do mundo, cabe aos laços afetivos, amorosos, conservar a união entre os membros desse meio, sendo essa ligação emocional derivada da identificação entre eles, sentimentos comuns que sustentam os pilares da *sociedade humana*. Diferentemente, o motor da destrutividade está no abuso da desapropriação do eu do sujeito que compõe esse meio, pela excessiva desigualdade entre os homens, divididos em castas – líderes e seus dependentes –, em poder e submissão, mediante violência e intimidação.

A aptidão para a cultura – capacidade do indivíduo de mudar as pulsões egoístas por influência de Eros – é fruto de um aspecto inato que se soma às vivências adquiridas, considerando-se o desenvolvimento sexual infantil e a ação do recalçamento, ambos influenciados pela educação. A inteligência, quando bem instrumentada, trabalha em benefício de um bem comum, por meio de uma ética que coíbe ações mais destrutivas, consideradas, até certo ponto, elemento natural que habita o interior de cada ser.

Quando o respeito pelas diferenças é borrado, ameaçando o mundo interno do sujeito, Souza entende que

sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia, atormentam aqueles cujo ego caiu em desgraça diante do superego. A distância entre o ideal e o possível cria um fosso vivido com efeito de autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica. (1983, p. 73)

Essa desigualdade que desaloja o sujeito é produto do narcisismo das pequenas diferenças, quando a cultura confere ao semelhante o atributo de não-eu em um mundo marcado por estereótipos.

Trauma temprano y el intento de supervivencia psíquica a través de estados dissociados de la mente

Resumen: Con base en textos de Freud, Aulagnier y autores contemporáneos, el artículo destaca la importancia de la actitud empática del cuidador para el proceso de humanización del sujeto psíquico y la constitución de su yo, a través de la identificación primaria – primer vínculo afectivo – y de la identificación secundaria. Se argumenta que la característica única del desarrollo de la vida sexual humana en dos etapas; por un lado retrasa su maduración y, por otro lado, la prepara para establecer los lazos necesarios desde la matriz relacional en el núcleo familiar. En este contexto, se entiende que corresponde al yo construir su historia libidinal, mediando entre las demás instancias psíquicas – id y el superyó –, además de la difícil tarea de conservar los vínculos que lo unen a la cultura. Cuando la vivencia del trauma excede la capacidad de dar representación psíquica a las vivencias, la prueba de realidad hace desaparecer los lazos de origen y pertenencia, sobre todo cuando el medio cultural en el que se inserta el sujeto nutre la desigualdad entre los hombres, destacándose el narcisismo de pequeñas diferencias. Se concluye que la disociación de la mente puede convertirse en un intento de supervivencia, cuando la cultura otorga al semejante el atributo de no-yo en el mundo, como consecuencia del desconocimiento de la alteridad y subjetividad del sujeto.

Palabras clave: representación psíquica, otredad, disociación mental, no-yo, medio cultural

Early trauma and the attempt of psychic survival through dissociated states of the mind

Abstract: Based on works by Freud, Aulagnier and contemporary authors, this paper emphasizes the importance of the caregiver's empathic attitude in the process of humanization of the psychic subject and the constitution of the self, through primary identification – the first emotional bond – and secondary identification. It is argued that the unique characteristic of the development of human sexual life in two stages; on the one hand, delays its

maturation and, on the other hand, prepares it to establish the necessary bonds from the relational matrix in the family nucleus. In this context, it is understood that it is up to the Self to construct its libidinal history, mediating between the other psychic instances – id and superego –, not to mention its difficult task of keeping its own ties to culture. When the experience of trauma exceeds the ability to give psychic representation to the experiences, the reality test makes the ties of origins and belonging disappear, especially when the cultural environment in which the subject is inserted nourishes inequality between men, standing out the narcissism of small differences. It is concluded that the dissociation of the mind may become an attempt at survival, when culture gives to the other the attribute of not-self in the world, as a consequence of the failure to recognize the otherness and subjectivity of the subject.

Keywords: psychic representation, otherness, mind dissociation, not-self, cultural environment

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado* (M. C. Pellegrino, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1975)
- Aulagnier, P. (1990a). Desejo, demanda, sofrimento. In P. Aulagnier, *Um intérprete em busca de sentido* (R. Steffen, Trad., Vol. 1, pp. 169-310). Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- Aulagnier, P. (1990b). A filiação persecutória. In P. Aulagnier, *Um intérprete em busca de sentido* (R. Steffen, Trad., Vol. 2, pp. 69-81). Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- Aulagnier, P. (1990c). Os dois princípios do funcionamento identificatório: permanência e mudança. In P. Aulagnier, *Um intérprete em busca de sentido* (R. Steffen, Trad., Vol. 2, pp. 181-194). Escuta. (Trabalho original publicado em 1986)
- Freud, S. (1988). Carta 52. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, pp. 274-280). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1995). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 385-529). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 170-194). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas: psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2011c). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 184-202). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2018a). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 189-273). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]).
- Freud, S. (2018b). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939)
- Gampel, Y. (2006). *Esos padres que viven a través de mí – La violencia de Estado y sus secuelas* (S. Kot, Trad.). Paidós. (Trabalho original publicado em 2005)
- Souza, N. (1983). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Graal.

Augusta Gerchmann
augustagerchmann@hotmail.com